licere
Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - UFMG

ENTRE AS "CORRERIAS" E O "FAZER NADA": DINÂMICAS DA VIDA E OS ATRAVESSAMENTOS DA VIOLÊNCIA NO LAZER DE MULHERES NEGRAS[1]

Recebido em: 11/11/2025
Aprovado em: 22/05/2026
Licença:

Diênifer Monique da Conceição[2]
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre – RS – Brasil
https://orcid.org/0009-0001-9722-155X

Ariane Corrêa Pacheco[3]
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre – RS – Brasil
https://orcid.org/0000-0002-1495-5735

André Luiz dos Santos Silva[4]
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre – RS – Brasil
https://orcid.org/0000-0002-9838-2558

RESUMO: Este artigo analisa, por meio das narrativas de seis mulheres negras que vivem em contextos de violência de gênero em Novo Hamburgo, as dinâmicas do cotidiano e as possibilidades de lazer. No processo da pesquisa, compreendemos que as mulheres negras organizam suas vidas a partir de duas categorias: 1) a "correria", sendo um agente importante na organização e dinâmicas da vida dessas mulheres; 2) o "fazer um monte de nada", que se caracteriza pela experiência de tranquilidade na "correria" do dia a dia. A violência, neste contexto, reorganiza e intensifica a correria, podendo as interlocutoras acionar manejos/inventividades/violências para um reestabelecimento da correria cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Mulheres negras. Violência.

[1] Este texto faz parte da pesquisa *Relações de Gênero na Escola: Um estudo sobre as regiões de alto índice de denúncia de violência vivida por mulheres no município de Novo Hamburgo/RS,* financiada pelo CNPq por meio do Edital MCTIC/CNPq Nº 28/2018 e do edital CNPq/MCTI Nº 10/2023.

[2] Mestra em ciências do Movimento Humano – UFRGS. Grupo de Estudos sobre Relações de Gênero, Educação e Violência - UFRGS/CNPq

[3] Doutora em Ciências do Movimento Humano – UFRGS. Grupo de Estudos no Lazer, Educação e Diferença – UFSM/CNPq

[4] Pós Doutor em Educação – UFRGS. Grupo de Estudos sobre Relações de Gênero, Educação e Violência - UFRGS/CNPq

BETWEEN THE "HUSTLES" AND "DOING NOTHING": LIFE DYNAMICS AND THE INTERSECTIONS OF VIOLENCE IN THE LEISURE OF BLACK WOMEN

ABSTRACT: This article analyzes, through the narratives of six Black women living in contexts of gender-based violence in Novo Hamburgo, the dynamics of everyday life and the possibilities of leisure. Throughout the research process, it was understood that these women organize their lives around two central categories: (1) "the hustle" (*a correria*), as a structuring element of their daily dynamics; and (2) "doing a whole lot of nothing" (*fazer um monte de nada*), understood as an experience of momentary tranquility within the daily "hustle." In this context, violence acts by reorganizing and intensifying the rhythm of life, leading the interlocutors to activate strategies, inventiveness, and even forms of violence as ways to reestablish everyday normality.

KEYWORDS: Leisure. Black women. Violence.

Introdução

Este artigo faz parte de uma agenda de investigações que se propõem a analisar o modo como relações de gênero se estabelecem entre sujeitos que residem em regiões marcadas por altos índices de violência contra as mulheres. No processo desse estudo, algumas pistas foram sendo produzidas por pesquisas[5], cujo foco estava centrado nos atravessamentos de raça e gênero em uma comunidade localizada em uma região em que índices de violência contra mulheres negras[6] eram expressivos. Nos percursos investigativos empreendidos, uma dimensão importante da vida daquelas mulheres não foi contemplada: as perspectivas de lazer. Entendido como importante dimensão da vida, o lazer ajuda a compreender as complexas relações de poder, que englobam racismo, gênero, classe, território e violência, que submetem as mulheres.

A pesquisa foi realizada com mulheres negras residentes em uma comunidade localizada às margens do município de Novo Hamburgo, situado na região metropolitana da cidade de Porto Alegre/RS. Essas mulheres constroem aquele

[5] CONCEIÇÃO, Diênifer Monique da. **Mulheres negras e violência**: escrevivências em Território marcado pelos altos índices de denúncias de crimes contra pretas e pardas no município de Novo Hamburgo/RS. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Feevale. Novo Hamburgo, 2022.

[6] Autodeclaradas pretas e pardas, segundo dados do IBGE.

território, mas são invisíveis politicamente; têm seus direitos negligenciados, porém, ao mesmo tempo, são advertidas sobre os riscos de condutas consideradas inapropriadas pela própria estruturação do território. Naquela comunidade, um Centro de Atendimento Socioeducativo para Menores Infratores (Case) foi construído, e ele se localiza no terreno atrás da escola de ensino básico, demarcando, com a arquitetura de sua construção, normas sociais e penalidades, de que os jovens que aí vivem são passíveis (Conceição; Silva, 2021).

Moradoras de uma "vila" narrada como violenta e vinculada às práticas de drogadição, as mulheres negras daquela comunidade convivem com a violência doméstica e familiar, que nelas produz experiências muito particulares. De acordo com códigos e normas sociais racistas, essas mulheres se reconhecem a partir de representações de subalternidade que operam, como efeito, a inferiorização de seus corpos (Conceição, 2022). Dessa maneira, desde cedo, aprenderam a suportar a violência, ao mesmo tempo em que foram sendo colocadas na condição de gestoras da comunidade, de guardiãs dos seus e responsabilizadas o tempo todo pelo cuidado deles (Conceição, 2022).

Considerando esse contexto, o lazer, como uma dimensão da vida engendrada por dimensões políticas, culturais, sociais e históricas e por formas diversas de fruir (Gomes, 2023), passou a integrar a pesquisa neste território, sobretudo por suas correlações com os debates sobre gênero, raça e violência, pois se compreende que esses corpos inferiorizados, no usufruto do lazer, são atravessados pela complexidade das dinâmicas da vida cotidiana e pelo estado de alerta em relação à violência.

Academicamente, o lazer vem sendo sustentado como necessidade humana (Gomes, 2014), como imprescindível para a constituição da cidadania (Mascarenhas, 2004), como potencial para uma formação emancipatória (Marcellino, 1995; Melo;

Alves Junior, 2012), como um espaço/tempo de construção de redes de sociabilidade, de pertencimentos e laços comunitários (Magnani, 2003; Stigger, 2009). Dentre tantos outros posicionamentos, não faltam argumentos, pesquisas e análises que asseguram o 'lugar' do lazer na experiência de vida das pessoas e entre os fenômenos socioculturais. Entretanto, quando se olha para esse debate entrelaçando-o com a discussão interseccional dos marcadores da diferença que atravessam os corpos de mulheres negras, arranjos outros se manifestam.

Magnani (2018) convida, orientado pela antropologia, a pensar em possibilidades de estranhamento que permitem refletir sobre o lazer a partir de um novo prisma. Todavia, ao examinar corpos negros femininos em uma localidade marcada pela violência, compreende-se que este cenário não corresponde à conceituação estabelecida de lazer, estando à margem das pesquisas. Logo, não é possível colocar em uma mesma lente de "lazer" as mulheres em geral e as mulheres negras, moradoras de uma região de altos índices de violência doméstica. Outra questão se coloca: quais são as possibilidades de que haja, no cotidiano dessas mulheres negras, aquilo que denominamos de lazer?

Assim, é em um contexto de violência, interseccionada à raça e ao gênero, que esse artigo objetiva analisar, por meio das narrativas de seis mulheres negras, as dinâmicas de seu cotidiano e suas possibilidades de lazer.

Referencial Teórico Metodológico

Nesse estudo, o olhar sobre o lazer busca uma aproximação com "epistemologias alternativas", na esteira dos debates colocados por Joise Maurício, Jordânia Eugênio, Juliana Paula, Khellen Soares e Raquel Nunes (2021, p. 700), pois essas levam, em primeiro lugar, a problematizar marcadores que estruturam concepções

arregimentadas em lógicas eurocêntricas e colonizadoras, entre as quais a de perceber a vida delimitada pela insuficiência do tempo contabilizado a partir do relógio. Dentre os debates propostos pelas autoras, situados em uma interlocução com estudos decoloniais e no diálogo com José Alfredo Debortoli (2012), torna-se possível compreender o lazer como um "processo de envolvimento, participação e percepção do mundo e da vida, que é sempre movimento, que é sempre inventiva" (Debortoli, 2012, p. 15).

Considerando tais discussões, pode-se compreender que lazer não é um produto, o resultado de algo, mas uma determinada prática social que coloca o corpo, a arte, a sensibilidade, a imaginação no centro do processo de fruir uma dada experiência, significada como lazer. Cabe destacar que nenhuma esfera da vida está inerte às movimentações sociais, temporais e territoriais, ou seja, as dimensões e usos do lazer estão fixados nos diversos mecanismos excludentes, provenientes, dentre outros, do racismo e do sexismo. Logo, a realidade impõe barreiras ao acesso de lazer a pessoas negras, em especial, às mulheres negras, algo que se pode identificar no baixo número de produções acadêmicas em que o lazer, no Brasil, intersecciona raça e gênero (Das Dores *et al.,* 2022).

Dessa forma, para compreender a inserção das mulheres negras no lazer, deve-se considerar a interseccionalidade, uma ferramenta analítica que auxilia a pensar este arranjo complexo. De modo geral, Collins e Bilge (2021) explicam que "as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana" (Collins; Bilge, 2021, p. 16). Ela aprofunda a discussão da ideia de como as vivências particulares e os prismas por elas gerados proporcionam múltiplas vias para discutir questões que são universais, tais como as da igualdade e da justiça (Guimarães, 2021). Interseccionalidade, portanto, é uma forma de compreender a complexidade do mundo,

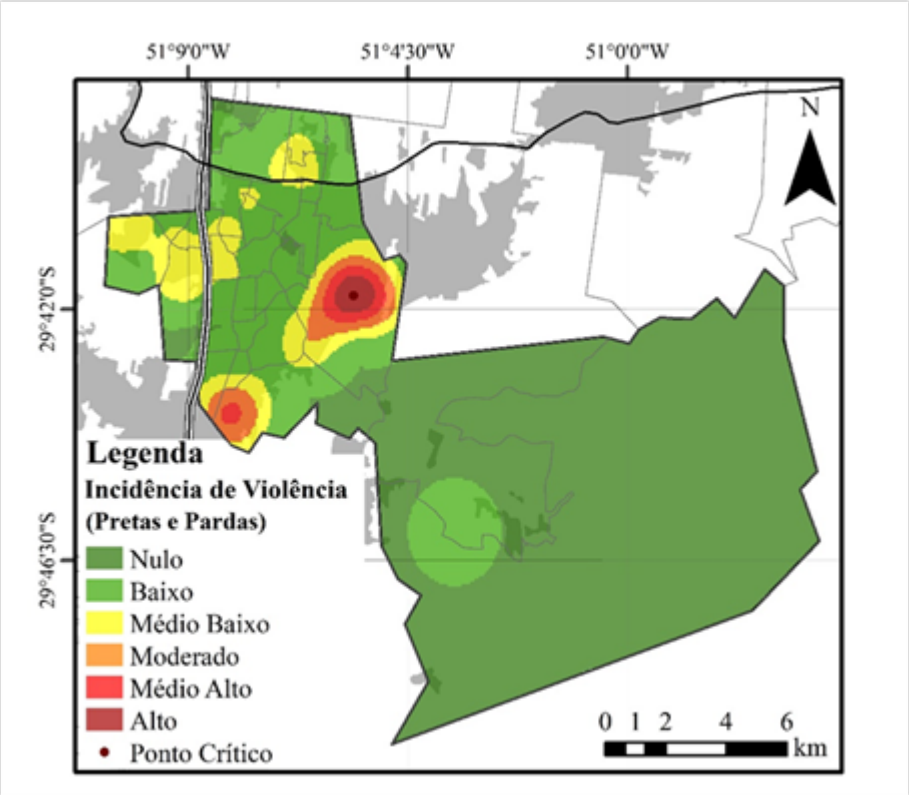
das pessoas e das experiências humanas. Nesse artigo, trata especificamente da experiência vivida por mulheres negras que residem em um contexto periférico, marcado por violências de gênero.

Na complexidade deste corpo negro e feminino, a noção de raça é tomada como uma construção social e histórica, um marcador de diferença, que produz extremo impacto nas estruturas sociais, em especial na brasileira, que foi construída a partir dos efeitos de um sistema escravocrata, cujos códigos discursivos continuam classificando e hierarquizando corpos (Carneiro, 2005). Disso resulta uma especial distinção aos corpos de mulheres negras, haja vista que o marcador social de gênero atua interseccionalmente com o racismo. Tomado como "o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais" (Meyer; Silva, 2020, p. 497), o gênero é entendido como um organizador social intrínseco às relações de poder (Meyer; Silva, 2020).

Metodologicamente, os limites geográficos do contexto desta investigação se originam de mapas da violência, produzidos a partir de dados provenientes da *Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher*, do município de Novo Hamburgo. Os endereços das ocorrências de crimes contra mulheres autodeclaradas pretas e pardas foram anotados em planilhas do Excel e pontuados no Google Earth. Esses dados produziram, por meio do *software ArGis*, mapas que identificam pontos críticos da denúncia de crimes contra mulheres negras. A tipificação dos crimes analisados foram os seguintes: lesão corporal, estupro, estupro de vulnerável e feminicídio [tentado e consumado] (Silva, Meyer e Riegel, 2021).

O "Mapa de Incidência da Violência contra Mulheres Pretas e Pardas" – Figura 1 – representa a densidade da totalidade das tipificações de crimes contra mulheres negras no município de Novo Hamburgo, no período de 2017 a 2020.

Figura 1: Mapa de Incidência de Violência contra Mulheres Pretas e Pardas (2017- 2020)



Fonte: Produzido pelo Grupo de Pesquisa sobre Relações de Gênero, Educação e Violência

De acordo com o mapa produzido, identifica-se que a mancha crítica das denúncias de violência está localizada também na comunidade em que mora a pesquisadora há mais de vinte anos. Algo que conferiu à pesquisa um sentimento de pertencimento e subjetividades compartilhadas e permitiu acessar memórias para narrar o contexto investigado e mostrar sua complexidade. Esse cotidiano compartilhado possibilitou à pesquisadora um acesso facilitado às interlocutoras do estudo. Seis mulheres participantes dessa pesquisa autorizaram, a si mesmas, o exercício da fala, cada uma com suas singularidades, que foram disponibilizadas para a produção do conhecimento desta investigação. Algumas informações estão demonstradas no quadro abaixo:

Quadro 1: Características das participantes

Nome	Idade	Filhos
Mara	57	Sim
Francisca	29	Não
Sabrina	31	Sim
Rita	46	Sim
Nadir	30	Não
Laís	53	Sim

Fonte: Produzido pela autora.

A conversa realizou-se nas residências dessas mulheres, em um horário que lhes fosse conveniente. Em todos os encontros, houve um bolo para partilhar[7] e essa experiência vivida leva a concluir que o alimento compartilhado possibilita outros compartilhamentos. Todas as mulheres ofereceram algo, ou um chá, ou café ou chimarrão significando, com isso, a reciprocidade de interesses, que foi constatada não só nos momentos de refeição, mas também nas falas das mulheres que não pouparam palavras para interagir com a entrevistadora.

O café com bolo foi orientado por um guia de perguntas, mas a oralidade tomou conta dos momentos de conexão e mostrou uma subjetividade negra que resistiu, indicando a importância da palavra falada no processo da cultura negra (De Paula Junior, 2014). Como caminho de análise dos depoimentos foi acionada a escrevivência, escrita que se origina no cotidiano de vivências e de lembranças das mulheres negras. Nessa esfera, a pesquisadora se debruçou para compreender as dinâmicas de usufruto do lazer. O ato da escrita, tratando-se de mulheres negras que permeiam espaços adversos aos das culturas das elites, manifesta-se no sentido de insubordinação. Dessa forma, as

[7] O compartilhamento fez a pesquisadora lembrar de seu avô Pedro, em cuja casa sempre havia a partilha de alimento para quem chegasse.

escrevivências das interlocutoras da pesquisa expressam um conjunto de subjetividades potentes que importunam os sonos injustos dos donos da casa-grande (Evaristo, 2007).

Dinâmica da Vida Dentro da Correria de Cada Dia

As rodas de conversas somente aconteceram porque seis mulheres negras se dispuseram a compartilhar suas casas e histórias. Francisca, Nadir e Mara são as moradoras mais antigas da região, vivem na comunidade desde a fundação do assentamento; Rita e Sabrina estão residindo aí há aproximadamente sete anos; Laís faz parte da comunidade como funcionária da escola de Educação Básica. Essa interlocutora é entendida como parte dessa territorialidade na medida em que seu trabalho está localizado na região e ali passa a maior parte do seu dia em contato direto com a comunidade escolar.

As interlocutoras são moradoras de um assentamento, cujo histórico está marcado pela negligência do poder público, pois, em um primeiro período, não havia condições dignas de vida. Sem água encanada, sem acesso à saúde, à educação e a serviços de desenvolvimento social e com esgoto a céu aberto, a comunidade era e continua marcada por violências de diversas ordens (Conceição; Silva; 2020).

Atualmente, o local foi contemplado com melhorias: duas escolas, posto de saúde, ruas calçadas e linha de ônibus. Porém essa comunidade ainda necessita da atenção do Estado. Não possui nem tempo nem lugar para usufruir de momentos que possibilitam viver o descanso, a fruição do lazer e de outros direitos sociais (Viana, 2013). Ademais, cabe considerar que a inexistência de políticas públicas reforça desigualdades que ditam os corpos legitimados a usufruir de espaços de lazer, assim como tem o poder de banir corpos outros e suas representações ao acesso deles (Mbembe, 2018).

Nesse cenário de invisibilização, cabe aos moradores a ação e a mobilização na construção de um campo de futebol de areia para as crianças utilizarem com jogos e brincadeiras. Outrora, bares locais realizavam alguns torneios que premiavam com porcos aos ganhadores (a depender da classificação final no campeonato, o peso do porco variava), prática atualmente inexistente. Contemporaneamente, alguns comércios, bares promovem o carteado, momentos que possibilitam discussões e trocas de ideias, para os homens. Nesse contexto, os modos de usufruto, daqueles que possuem, do "tempo livre" estão ancorados na satisfação masculina, característica que enuncia um cenário complexo. Neste viés, cabe ressaltar que a comunidade possui uma quantidade considerável de igrejas; são em média doze igrejas em um território de 4,2 quilômetros quadrados, fato que aponta pistas para uma possível caracterização dos mecanismos que constituem a vida neste território (Conceição; Silva, 2020). Ou seja, esse contexto mostra o resultado de inúmeros processos marcados pelos exercícios de poder e resistência e, sendo assim, "é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo sobre seu espaço" (Rogério Haesbaert, 2003, p. 13; Lima; Yasui, 2014).

Logo, no contexto apresentado, os altos índices de denúncia de crimes contra mulheres negras estão imbuídos por apropriações simbólicas que também constituem sentidos sobre corpos racializados e generificados, pois são cerceados pelas relações de poder que agem de maneira interseccional sobre os sujeitos, como também pelo meio em que vivem e seus usos, o que inclui o usufruto do lazer.

Alertada a respeito de um cenário complexo e dos perigos provenientes das discursividades baseadas em realidades dentro das normas e das problematizações propostas, a pesquisadora iniciou sua pesquisa de campo. Analisando os dados, identificou que o par binário lazer e trabalho não consegue contemplar, ou seja, é

insuficiente para compreender a complexidade da vida manifestada nas dinâmicas das mulheres do território em estudo (Viana, 2013). Foi através da oralidade que as interlocutoras da pesquisa alcançaram a compreensão da categoria denominada "correria", e é através desse dado que se compreende a dimensão interseccional que é posta no dia a dia dessas mulheres.

As pistas conduziram à reflexão de que no âmbito doméstico, tanto para as trabalhadoras assalariadas, quanto para as trabalhadoras do lar, a "correria" abrange os cuidados da casa, das crianças, com suas demandas escolares e alimentação. Essas incumbências tornam as mulheres as únicas responsáveis pelas tarefas, independente se contribuem com o orçamento familiar ou não[8]. Rita é trabalhadora do lar e relata que "é tudo bem corrido em função das crianças" e que nesta rotina, que ela denomina como "função da "formiguinha," ela leva o filho para a escola e volta "pra casa, na rotina de *maria* que nunca acaba, e arrumo a casa [...] Mas, é isso aí, levantar cedo todos os dias. [...] É a correria [...]" (Rita, 19 de julho de 2024).

Para as interlocutoras que trabalham 'fora', para além do lar, o campo doméstico não se torna mais brando, pois o trabalho não cessa. Francisca relata que "chegava em casa fazia janta, fazia limpeza, lavava roupa. Tipo, era 22 horas eu estava dormindo já. Então não tinha tempo" (Francisca, 27 de julho de 2024). Esse é um relato que se repete entre elas, a exemplo da fala de Mara que declara "fazer a janta, [...]. Lavar a roupa [...]. Estendo ela de noite. Aí no outro dia quando está seca eu recolho e dobro. Tomo meu banho. Depois vou dormir (Mara, 25 de julho de 2024).

Os cuidados com a casa e filhos estão atrelados à "correria" diária, o que demanda esforços, tarefas e responsabilidades para que as 'engrenagens' dessa dimensão sigam minimamente em movimento, o que garante que os demais elementos

[8] Os depoimentos das mulheres entrevistadas foram transcritos tal qual foram enunciados.

da vida sigam mobilizadas. É importante relembrar que a situação de "correria" está atrelada aos marcadores de raça e gênero, representações que qualificam o cotidiano através dos atravessamos das relações de poder. Mulheres negras têm em suas "correrias" o serviço doméstico, mas também se atrelam ao mundo do trabalho; portanto, para além da casa e do cuidado de filhos, elas se dedicam ao sustento familiar.

Destaca-se o depoimento de Laís que tem mais de um trabalho remunerado, o que pode chegar a tomar 21 horas em alguns dias da semana. Ela conta que, além do seu emprego regular, ela trabalha como *freelancer* a noite. Como também trabalha de modo autônomo: "Faço faxina pra fora. [...] Eu me viro", no f*reelancer*. "Geralmente eu vou, nas quartas, quintas e sextas das 20h até as 4h da manhã". No final de semana, nos sábados realiza "geralmente, faxina" (Laís, 19 de julho de 2024).

Ao referirem que suas vidas são uma "correria", enunciam que suas trajetórias de vida têm atravessamentos que geram tratamentos e caminhos diferentes dos de outras mulheres que não são negras. A exemplo disso, no âmbito do trabalho assalariado, mulheres negras desempenham atividades mais intensas. Francisca alude em seu desabafo que as tarefas que realizava na empresa em que trabalhou "era um serviço bem pesado" e ainda caracterizavam, ela e suas colegas, como "um serviço pra homem, e eu fazia. [...] Na minha área, era só eu que fazia. Daí tanto que eles falaram pra mim que era serviço de homem". Chegaram a contratar "dois homens para fazer meu serviço, que eu fazia sozinha". Acrescenta que era uma funcionária exemplar, pois não faltava e cumpria com o que era demandada: "a gente tinha que subir escada e descer escada com caixa de carne [...] carregando caixa pesada, 150 quilos de carne" (Francisca, 27 de julho de 2024). Este relato permite verificar que o marcador gênero não é capaz de suprir os atravessamentos em que corpos negros e femininos são representados, pois, nesta fala de Francisca**,** transparece o distanciamento com que o corpo da mulher negra

se coloca de uma representação de fragilidade que, em contrapartida, está ligada aos seus pares brancos. Assim, a "correria" se qualifica, pois ela parte de corpos com marcadores da diferença, interseccionados, no caso, com gênero e raça, e isso traz atravessamentos das relações de poder.

Os tensionamentos ocasionados pela intersecção dos marcadores da diferença cerceiam as mulheres entrevistadas em uma "correria" qualificada que, além da vida doméstica e do trabalho intenso, inclui, sobretudo, os atravessamentos relacionados ao racismo. "Pode ser que é uma coisa da minha cabeça. Só que eu acho que a dona não gostou de mim. Talvez até pela minha cor", mesmo sendo uma funcionária que "fazia tudo certinho" enquanto tinha "gente que não ia de manhã, ia de tarde... gente que não ia trabalhar [...] e não botavam nem atestado e eles ficaram", no caso, passavam contrato de trabalho. A interlocutora em seu desabafo indica que, na empresa em questão, havia somente duas pessoas negras que trabalhavam, ela e um senhor que operava uma máquina e "era só ele que sabia fazer aquilo", logo, "eles precisavam dele" (Francisca, 27 de julho de 2024). Ela relata um episódio em que contraiu dengue e, mesmo afetada pelos acometimentos da infecção, foi trabalhar. Porém não aguentou e foi ao médico que a afastou três dias de suas funções. Isto bastou para encerrarem o contrato de trabalho com ela. As mulheres negras não são permitidas os cuidados de si, e elas precisam fazer mais e servir mais que quaisquer outros funcionários.

Assim, a "correria" está ancorada, ordinariamente, na rotina das interlocutoras, qualificada por um cotidiano que é atravessado pelos marcadores da diferença. Neste sentido, a "correria" parte de corpos outros que tem trajetórias outras e que precisam desempenhar ou se subjugar a maneiras outras para que o básico da vida seja exercido em um processo de re-existência (Achinte, 2013).

Re-existências também são alicerçadas em transgressões, pois a "correria" atravessa os processos de re-existir perante a ordem das relações de poder que ceifam a humanidade de mulheres negras. As interlocutoras violam a norma estabelecida para seus corpos ao prospectarem sonhos, idealizações de futuro, pois a maioria delas batalha, ou para se inserir numa formação superior, ou está cursando a primeira ou segunda graduação, ou fazendo uma pós-graduação. A "correria", como lembra Francisca, "vai piorar um pouquinho", mas Rita irá "atrás do [seu] canudo" em Gestão Ambiental, assim como Laís será "socióloga". Sabrina expõe o que, na verdade, todas querem: "ser bem-sucedidas", não só financeiramente, mas também promovidas em dignidade humana, em uma situação em que essa "correria" não precise existir e em que suas vidas fluam sem os atravessamentos ocasionados pela raça, gênero, classe, território e outros marcadores da diferença. É importante destacar que a "correria" se intensifica na medida em que as demandas dessas prospecções de futuro trazem mais tarefas e responsabilidades que não fazem parte da "correria" ordinária de manutenção do cotidiano.

Se a "correria" pode ser entendida como múltiplas tarefas ou responsabilidades que as colocam em movimento, essas características não parecem suficientes para dimensionar as dinâmicas das vidas daquelas mulheres. Na intersecção entre raça, gênero, classe e território, esse o corpo negro feminino opera uma engrenagem cotidiana que, sob a categoria "correria", congrega trabalho remunerado, cuidados com a casa, com família, com filhos e com a comunidade. Entre as demandas de subsistência e as necessidades daqueles que as cercam, essas mulheres parecem estar numa espécie de condição constante de alerta.

A "correria" não está presente somente nas dinâmicas de atividades e responsabilidades. Mara relata que voltar para casa é um momento de descanso, mas

sinaliza com ênfase que é um descanso das atividades dispostas pelo trabalho, pois, segundo manifesta, não acontece o mesmo na dimensão das preocupações. Mesmo com o corpo em repouso de um dia de trabalho, Mara não consegue descansar a mente que é carregada das demandas oriundas da posição de gestora dos seus. Ela confidencia: "Eu tô sempre com os outros na minha frente e eu para trás", algo que resulta de uma complexa trajetória marcada pela "correria", que ocasiona na ausência de cuidados de si. Um alerta constante surge no próprio corpo e na mente dessas mulheres, o que pode ser constatado pela lista de medicamentos de que Mara, etariamente mais velha, faz uso: "Um é pra depressão, outro é pros nervos, outro pra a ansiedade, outro para dormir, outro é anticonvulsivo" (Mara, 25 de julho de 2024).

Mulheres negras desta pesquisa são capturadas pela "correria" ordinária, qualificada pelos marcadores da diferença que as atravessam e que produzem trajetórias outras em que precisam re-existir para serem "bem-sucedidas", no caso, promovidas ou próximas de uma dignidade que não lhes é dada como direito. A "correria" toma a vida, das interlocutoras, como um organizador e reorganizador do cotidiano, imbuída do poder que as empurra a uma condição subumana.

"Um Monte de Nada/Tranquilidade", Violência e o Lazer

Em meio à "correria" cotidiana que captura essas mulheres, criar condições para o efetivo descanso se configura como um desejo inalienável. Os sentidos sobre "fazer um monte de nada", como sinaliza a interlocutora Nadir, emergem de forma reiterada em meio a muitas de nossas conversas, dando pistas para a compreensão sobre as dimensões do lazer na vida dessas mulheres. Assim, assimilamos o lazer "em uma rede de referenciais simbólicos, os quais são formados e formadores dos sujeitos que atuam nesses contextos" (Pacheco; Stigger, 2015, p. 135). Para essas mulheres, o que nomeiam

como "tranquilidade" ou "fazer um monte de nada" parte de uma movimentação que intenciona conter, mesmo que parcialmente ou de forma efêmera, a "correria". "Fazer um monte de nada" seria, portanto, uma condição de quase suspensão das dinâmicas que mobilizam essas mulheres. Nadir ao relatar que já havia se formado em um curso técnico, regozija, pois que está há "duas semanas [...] em casa fazendo um monte de nada" e sinaliza uma certa compreensão de que esse cenário não está dado como algo comum a mulheres negras: "morreu de inveja do monte de nada [risos]" (Nadir, 15 de julho de 2024).

Mulher negra de 30 anos, sem filhos, filha única, trabalhadora como agente de saúde na comunidade em que reside com seus pais, trouxe um conjunto de sentidos acerca da condição de "fazer nada", pois até duas semanas que antecederam nossa conversa, a rotina de Nadir estava organizada em torno do trabalho, estudos e cuidados com os pais, porém parecem significar de outro modo os momentos em que ela não é capturada pelas demandas da vida. Foi possível perceber que, para que o "monte de nada" ou a tranquilidade seja parte de suas realidades cotidianas, é imprescindível que haja condições para isso. Ou seja, uma determinada condição que permita essa experiência.

Ao se nomear como uma mulher do lar, Rita aciona pistas para pensar nas condicionalidades para determinadas experiências. Mãe de duas crianças em idade escolar, vê-se condicionada à ausência das crianças para que consiga seu gosto de "ficar sozinha", pois é nesses momentos que consegue escutar seus "louvores" ou "músicas dos anos 80, 70, 90" lavando a louça, arrumando a casa "bem tranquila". O estado em que permite uma experiência de paz e tranquilidade é o mesmo em que ela está realizando suas tarefas de manutenção da casa (Rita, 19 de julho de 2024).

Os modos como Rita significa os cuidados com o lar são de uma complexidade que conduz a pistas de que essas tarefas são significadas de outro modo ou à percepção de que a "correria" parece estar 'amortizada'. Rita e as demais interlocutoras demonstram habilidade em criar estratégias para que o estado de tranquilidade e paz não seja interrompido por condições que possam acionar ou retomar a "correria".

Foi secando duas térmicas de água no chimarrão que Mara mencionou que no mês de junho ela estava aproveitando os momentos anteriores ao início da festa de aniversário do seu neto. Entretanto, decidiu ir embora antes de começar a festa, pois, para as atividades de comemoração seus familiares decidiram "carnear" um porco, ação que no Rio Grande do Sul é entendida como abate e corte do animal para consumo e, neste caso, para o preparo de um churrasco. Para Mara, acompanhar esse processo lhe causaria angústia e incômodo. Em suas palavras, "eu não queria ver ele morrer". Ao ir antes dos demais convidados para festa e conseguir aproveitar ao menos um pouco das festividades do neto, ela relata que isso lhe possibilitou "curtir mesmo. Estava tudo tranquilo. Brincamos, dançamos. Foi uma bagunça. Estava show de bola. Só saí antes de começar a festa". Mara coloca em evidência uma estratégia que a permite evitar os desconfortos da "correria". De modo semelhante, ela menciona que evita ir à casa de uma das filhas, "porque eles tão sempre em conflito" e ela acaba "sempre no meio" do desentendimento, e esses episódios ocasionam que ela acabe se "atacando dos nervos" (Mara, 25 de julho de2024).

Mara menciona que sofre dos "nervos", e nessa condição ela identifica possíveis "gatilhos" e tece estratégias que tentem diminuir as chances de acionamento da "correria". São as elaborações das estratégias aprendidas durante a vida que permitem atenuar a "correria" ou o estado de tranquilidade: "fazer um monte de nada". Assim, essas inventividades compõem uma reelaboração da vida em condições adversas, uma

matriz de subjetividade que subjuga as mulheres pelas discursividades e condicionamentos oriundos do sistema colonialista, para ocupar uma condição de dignidade na sociedade, e neste caso em específico, ter a dignidade de poder "fazer um monte de nada" (Achinte, 2013). São, portanto, astúcias que permeiam o entendimento do entorno e que (r)elaboram operalizações que as fazem conduzir o cotidiano em estado de alerta.

Ao me receber em sua casa, Sabrina se enuncia, em nossa conversa, como uma mãe dedicada, mulher cristã, trabalhadora e dedicada ao marido e filho e calça seu posicionamento na menção bíblica "não há bom homem que viva só", que se encontra no livro de Gênesis 2:18. Há aí um vestígio de subjetivação que direciona para os modos de ser e estar na vida (Sabrina, 20 de julho de 2024).

No avançar das perguntas guiadas, a pesquisadora construía pistas sobre a relação e a organização do cotidiano e os usos do lazer de algumas mulheres casadas e com filhos. De acordo com a sua narrativa, a família parece ser entendida como uma condição ou estratégia para programas tranquilos. Ao longo de sua trajetória, Sabrina aprendeu um conjunto de maneiras que parecem articuladas à sua crença, assim como, pelo exemplo, que considera negativo o fato de amigas, que conflitavam no casamento, frequentarem festas, pois "sempre brigam no final ou no meio de festa. Ou porque bebeu e se passou, ou porque alguém veio e quis tirar a namorada para dançar, ou porque tava cuidando alguém. Eu acho que eu sou da opinião que casal não tem que ir à festa" (Sabrina, 20 de julho de 2024).

Ao expor que casais não devem ir a festas, Sabrina evidência experiências aprendidas com as suas trajetórias de vida e, com isso, entende que para desfrutar de experiências tranquilas seria fundamental ficar longe dos perigos que as festividades

podem gerar, ou seja, são os manejos do risco que podem evitar que as violências aconteçam e a "correria" se intensifique.

Ao mesmo tempo em que criam estratégias para que a violência não se avizinhe, as dinâmicas do território também parecem produzir efeitos sobre os cotidianos das interlocutoras. Mara relata, que "depois do dia todo de pé, com barulhão, reclamação, serviço, stress [...] Tu quer descansar, mas tu não vê a hora de amanhecer para tu sumir aqui da vila", uma contradição que mostra, em um primeiro momento, que voltar para casa era um momento de descanso, porém logo após diz que não vê a hora de "sumir da vila". A afirmação levou a outros questionamentos, e a pesquisadora pergunta a ela: "e esse lugar te desencadeia as coisas que aconteceu antes contigo?". Neste momento, ela se refere às violências sofridas por Mara no seu relacionamento afetivo. Em resposta monossilábica, responde "aham", consentindo com a cabeça (Mara, 25 de julho de 2024).

O território, em toda sua dimensão de lembrança e organização, aciona, no cotidiano das interlocutoras, violências que intensificam a "correria". Ao narrarem as dinâmicas do dia a dia, o território parece colocar em funcionamento um certo modo de convívio comunitário, uma condição de relação mais ou menos partilhada que permite a emergência daquilo que as interlocutoras nomeiam como "tendéu". Neste sentido, Mara descreve uma cena:

> Na casa de uma amiga minha, chegou uma amiga dela que eu não conhecia. E a guria com vestidinho curto. Uma guria do turno da noite. [...] Ela vira a bolsa. [risos] [...] Só que eu não conhecia a guria. Era amiga dessa amiga. [...] Ela estava de minissaia com as pernas abertas. Se tu vai de visita na casa de outra pessoa, tu vai sentar numa condição né. E quando ela fazia assim, ó... [nesse momento, Mara demonstrava o modo como a convidada da amiga se portava. A interlocutora virava de lado com a saia que vestia em movimentos sensuais]. [...] Daí no que eu levantei para ir embora, acho que ela fez um sinal pro marido da outra de se encontrar depois, não sei. E a mulher viu. Foi para cima dela. E o marido dela veio. Ela veio, empurrou a mulher para trás. [Nesse momento, Mara intervêm a fim de apartar a briga e diz:] tu pode parar! Tu vem na casa dela para dar um show? Isso aqui não é amizade hein?" [Em resposta ao comentário de Mara, o marido disse:] "Não te mete". Peguei, soltei a guria para ela ir embora. Passou uns dias depois, a mulher do cara pegou a mulher na rua e cagou ela a pau. [...] Eu desconfio que ele tinha

> marcado encontro. E eu acho que ela o ameaçou. Daí no meu entender foi assim. Que que ela fez, [o marido] pegou as trouxinhas dele e foi embora (Mara, 25 de julho de 2024).

Moradoras de um território cujas dinâmicas conflitivas reiteradas vezes se manifestam em "tendéu" e confrontos físicos, as mulheres da comunidade parecem tomar a violência como um modo de conduta ou código para resolver alguns tipos de problemas. Nesse sentido, o território também se configura como instrumento de poder que compõe os modos de funcionamento das relações sociais, assim como tece entendimentos sobre aquela própria realidade (Haesbaert, 2003). É importante destacar que esse processo que subjetiva as pessoas que convivem na vila é tecido na interseccionalmente com raça, gênero e violência.

Sendo uma cidade que se enaltece por ser colonizada por alemães, em um imaginário de melhoria da raça e em que a história que se conta é de heróis que trabalharam muito e que fizeram a cidade prosperar, portanto com características intrínsecas de virtudes, o racismo se manifesta pelo apagamento histórico da comunidade negra, assim como de outras comunidades (Magalhães, 2010). Laís conta que o segurança a seguiu no supermercado, onde estava juntamente com sua mãe e irmã, durante as compras, pelo fato de estarem consumindo dentro da loja. "Na época tu comprava na lancheria e poderia ficar com a notinha circulando dentro da loja e consumindo o que tu tinha comprado". Ao chegarem no caixa, o segurança as abordou, e, mesmo elas possuindo a nota fiscal, insistiu em levá-las para a revista. No mesmo instante, Laís se impõe: "Não. Tu não vai me levar para revistar. Porque não sou bandida. Não sou ladrona. Eu paguei o que eu consumi." (Laís, 19 de julho de 2024).

Porém, no decorrer desse assunto, Laís diz uma frase que merece atenção: "Nem te estressa, isso é normal". Uma pista que colabora para o entendimento do porquê as demais interlocutoras, quando perguntadas se já haviam vivenciado situações de

violência, não terem atentado para os abusos que têm como gerador o racismo, mesmo sendo indagadas. A normalidade da violência na vida dessas mulheres coloca-lhes uma venda nos olhos para tais atravessamentos. Laís denunciou o supermercado, foi indenizada e o segurança afastado por abuso de poder.

Ao mesmo tempo que o racismo de forma particular se assujeita nas interlocutoras, elas também se manifestam nas instituições em que as leis deveriam estar acima de entendimento racistas. Tratando-se de violência doméstica e familiar, Mara menciona que, mesmo ao acionar a justiça pelas inúmeras violências que sofria do ex-companheiro, o juiz, com os depoimentos registrados na delegacia, entendeu que o agressor branco, que foi para a audiência acompanhado de uma mulher branca, podia estar falando a verdade na mesma medida em que colocava em dúvida a fala de Mara.

Chegou o dia da audiência e ele compareceu juntamente com uma mulher, branca, que permaneceu ao seu lado o tempo todo. Mara diz que, quando ele colocou os olhos nela, sentiu sua ira no olhar. Na presença do juiz, ele reverteu toda a história, disse que Mara partiu pra cima dele com uma faca e que tinha um "distúrbio mental" e, por isso, não tinha condições de ficar com as crianças. Inclusive, ele alegou que as marcas dos cortes de facão tinham sido ela quem desferira nele. Depois disso, Mara teve que fazer um exame para provar o que tinha sido dito, fez o exame, no Fórum mesmo, e foi constatado que ela não sofria de nenhum "distúrbio" (cabe ressaltar aqui que o agressor não teve que fazer nenhum exame) (Conceição, 2022, p. 48).

Acessar a justiça por violência doméstica não é regra para mulheres negras dessa comunidade. Mara estava em uma situação de extrema de violência em que o ex-companheiro a perseguia e a ameaçava, mas foi a única mulher com quem conversei que acionou a justiça. As demais relatam a inefetividade da segurança pública nestas

ocasiões: "antes era e hoje continua assim: a mulher tem a medida protetora e mesmo assim o marido vai e mata" (Laís, 19 de julho de 2024).

Mesmo com o acionamento da lei para tratar das relações de violência doméstica, mulheres negras recebem tratamentos diferenciados, que ocasionam a intensificação de suas "correrias" ordinárias. É com esses atravessamentos que mulheres negras se (re)configuram e elaboram ou agem para que a "correria" retorne ao estado ordinário. Mara vivenciou a violência de uma forma que beirou o extremo. Estar em uma situação de violência ou em ameaça de acontecer fez com que a "correria" de Mara se intensificasse; ou seja, para além da "correria" ordinária as violências acionam ou promovem uma "correria" extraordinária.

Sabrina relata que em meio a sua "correria" aconteciam episódios em que a violência era acionada por parte do ex-companheiro, assim como por parte dela. Estando em um território marcado pela violência contra mulheres negras, as interlocutoras indicam pistas sobre os modos como se colocam frente à complexidade das dinâmicas conflitivas: o acionamento da violência como mecanismo capaz de intervir na violência que elas próprias sofrem.

> Tanto ele me agredia quanto eu agredia [a] ele. Então era bem complicado. Era um relacionamento bem exaustivo. Bem cansativo. Até porque eu decidi por si só sair. [...] Geralmente aconteceu quando ele era, né... dependente químico, né. E alcóolatra. Então, geralmente, né... eu via que tinha algo de errado. [...] Às vezes bebia tanto que também saía fora de si. Mas quando misturava a parte de drogas com bebidas era bem complicado. Porque aí eu tinha que me impor. E às vezes eu tinha até que ser mais homem que ele para poder acalmá-lo (Sabrina, 20 de julho de 2024).

"Entre a correria e o monte de nada" as violências se apresentam nas diferentes dimensões da vida dessas mulheres, produzindo outras urgências e "acelerando" ainda mais o cotidiano. Porém, ainda que as violências que intensifiquem o cotidiano, as interlocutoras demonstram um manejo de risco. Neste sentido, (re)elaboram contingências, buscando prever circunstâncias que poderiam fazer emergir "tendeis" e violências.

No diálogo com aquelas mulheres, pode-se identificar que é na "correria" que a vida é tensionada e suas práticas cotidianas assumem significados outros, o que conduz ao abandono da categoria de tempo "livre", a qual invisibiliza àquelas que "escapam [das] lógicas temporais moderno/coloniais" (Maurício *et al*., 2021). Nesse sentido, o tempo e o espaço dessas mulheres não são os mesmos que vêm sendo trazidos nos estudos tradicionais do campo do lazer. As interlocutoras chegam a falar de tempo direcionado a horas, mas será que tempo se resume a isso? Será que com todos os marcadores sociais que as tencionam têm o mesmo tempo de seus pares que não são acometidos pelos marcadores da diferença?

São perguntas que não são respondidas de imediato, mas podem trazer pistas cruciais para entender que a "correria" envolta no tempo dessas mulheres traz compreensões sobre o lazer que não podem ser acessadas com o tempo livre, pois não parecem fazer sentido nesse contexto e corpos. Operar com a categoria "correria" possibilita a materialização do lazer em um estado singular e complexo, pois não se resume a uma prática ou ação isolada, podendo estar ligada a muitas partes das engrenagens da vida. É em uma pia lavando louça, escutando música e cantando que Rita (re)significa seu tempo de uma aparente obrigação ou trabalho e tece fios que conduzem ao bem-estar e à tranquilidade. Também Mara entende que é no trabalho que ela tem descanso para a cabeça, que se sente tranquila frente aos atravessamentos em que passou e que deixaram resquícios. Logo, as interlocutoras dão pistas para pensar que, para elas, o lazer pode ser sentido e vivido em temporalidades e esferas plurais do cotidiano, o que não dá garantias de continuidade do lazer, mas que faz com que a intensidade desses momentos seja vivida de formas outras possíveis.

Analisar as possibilidades de lazer em um território marcado pela violência doméstica leva a compreender como se constituem os manejos e estratégias para as

vivências que assumem o sentido da violência. As mulheres negras dessa pesquisa, ao serem formadas por esse território de alta incidência de violência doméstica e familiar, criam estratégias para os manejos de risco, identificando potenciais perigos de emergência da violência. As interlocutoras, portanto, re-existem, valendo-se da elaboração de condições para o usufruto do que nomeiam como "tranquilidade/fazer um monte de nada."

Considerações Finais

O artigo, inicialmente, buscou entender as dinâmicas do cotidiano e as possibilidades de lazer de mulheres negras que vivem em um contexto de violência de gênero, em Novo Hamburgo. Com a produção dos dados, foram encontrados elementos primordiais para a compreensão, primeiramente, da organização do cotidiano e, a partir desse entendimento, das perspectivas de lazer frente à realidade das interlocutoras. Com os dados da pesquisa de campo, constatou-se que os sentidos provenientes do campo do lazer, vistos de forma canônica, não correspondiam ao cotidiano dessas mulheres. Naquele contexto, mulheres negras narram fortemente a "correria" em seus cotidianos, uma categoria que emergiu da observação e que é um agente importante na organização e dinâmicas da vida dessas mulheres.

Relacionada à "correria", surgiu a categoria "fazer um monte da nada", que se caracteriza pela experiência de uma certa de tranquilidade na "correria", algo que não dá garantias de continuidade, sendo assim, efêmero. Paralelamente, nessa região, a violência reorganiza a "correria", não a suspendendo do cotidiano, mas intensificando-a, acionando manejos de risco, inventividades, bem como a própria violência para um (re)estabelecimento da "correria" ordinária.

Logo, "correria" foi uma importante categoria que direcionou os estudos para realidades outras, que produzem significações por meio de determinadas práticas do cotidiano das interlocutoras, em que o lazer é (re)significado a partir de uma temporalidade subjetiva e de um espaço político e social, tencionado por possibilidades múltiplas e singulares do existir.

O estudo possibilitou captar a complexidade das trajetórias de seis mulheres que vivem no contexto especificado, e este entendimento ensina que as realidades são múltiplas e particulares e repletas de subjetividades compartilhadas. Devido às suas conclusões, esta pesquisa pode vir a ser uma oportunidade para abrir novos caminhos de análise dos contextos sociais e dar voz a mulheres negras em seus contextos.

REFERÊNCIAS

ACHINTE, Adolfo Albán. **Pedagogías de la re-existencia:** artistas indígenas y afrocolombianos. *In*: WALSH, Catherine (Org.). **Pedagogías decoloniales:** prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. p. 443-468.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONCEIÇÃO, Diênifer Monique; SILVA, André Luiz dos Santos. Igreja e domicílio: espaços de lazer de mães residentes numa comunidade de alto índice de violência contra mulheres. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS DO LAZER; XVIII SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 2021, Porto Alegre. ***Anais***. Porto Alegre: PUC; ESEFID/UFRGS, 2021. p. 556-560.

CONCEIÇÃO, Diênifer Monique da. **Mulheres negras e violência**: escrevivências em Território marcado pelos altos índices de denúncias de crimes contra pretas e pardas no município de Novo Hamburgo/RS. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Feevale. Novo Hamburgo, 2022.

DAS DORES, Lucilene Alencar *et al*. Rompendo os Silêncios sobre o Perfil do Lazer da População Negra no Brasil. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 24, n. 4, p. 324–356, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/37730. Acesso em: 28 out. 2025.

DE PAULA JUNIOR, Antonio Filogenio. Educação e oralidade na cultura negra no Brasil. **Comunicações**, v. 21, n. 1, p. 191-200, 2014. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2238-121X2014000100191&script=sci_abstract. Acesso em: 28 out. 2025.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Lazer, Envelhecimento e Participação Social. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/739. Acesso em: 28 out. 2025.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marco. **Representações performáticas brasileiras:** teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

GOMES, Christianne Luce. **Frui Vita**: a alquimia do Lazer. Ponta Grossa, PR: Ed. Atena, 2023. 91 p.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, *[S. l.]*, v. 1, n. 1, p. p.3–20, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430. Acesso em: 28 out. 2025.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Entrevista com Patricia Hill Collins. **Tempo Social**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 287–322, 2021. Disponível em: https://revistas.usp.br/ts/article/view/174340. Acesso em: 28 out. 2025.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 11-24, 2003. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38739/26249. Acesso em: 28 out. 2025.

LIMA, Elizabeth; YASUI, Silvio. Territórios e sentidos: espaço, cultura, subjetividade e cuidado na atenção psicossocial. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 102, p. 593-606, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sdeb/a/QbbzS8wB6xFWrmKHPKCNRMb/?lang=pt. Acesso em: 28 out. 2025.

MAGALHÃES, Magna Lima. **Entre a preteza e a brancura brilha o Cruzeiro do Sul**: associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira (Novo Hamburgo/RS). 2010. 219 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3 ed. São Paulo: Hucitec / UNESP, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Do mito de origem aos arranjos desestabilizadores: notas introdutórias. *In*: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico (Org*.)*. **Lazer de perto e de dentro**: uma abordagem antropológica. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. p. 12-34.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1995.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer**: como prática da liberdade, uma proposta educativa para a juventude. 2. ed. Goiânia: Ed. da UFG, 2004.

MAURÍCIO, Joise Simas de Souza; *et al*. Lazer e a opção decolonial: diálogos teóricos e possibilidades de construções contra-hegemônicas. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 695–725, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/29756. Acesso em: 28 out.

2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole, 2012.

MEYER, Dagmar Estermann.; SILVA, André Luiz dos Santos.Gênero, Cultura e Lazer: Potências e Desafios dessa Articulação**. LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 480–502, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24092. Acesso em: 10 nov. 2025.

PACHECO, Ariane Corrêa; STIGGER, Marco Paulo. "É lazer, tudo bem, mas é sério": notas sobre lazer a partir do cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. **Movimento**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 129–142, 2015. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/52205. Acesso em: 10 nov. 2025.

SILVA, André Luiz dos Santos; MEYER, Dagmar Estermann; RIEGEL, Roberta Plangg. Gênero, mulher, crime e violência: Relações e tensionamentos. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 59, n. 59, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/24637. Acesso em: 10 nov. 2025.

STIGGER, Marco Paulo. Lazer, cultura e educação: possíveis articulações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 2, p. 117-133, 2009. Disponível em: http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/437/353. Acesso: 28 out. 2025.

VIANA, Iara Félix. **Mulheres negras e baile funk**: sexualidade, violência e lazer. 2013. 216 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2013.

Endereço do(as) Autor(as):

Diênifer Monique da Conceição
Endereço eletrônico: djeny.monique@hotmail.com

André Luiz dos Santos Silva
Endereço eletrônico: andrels@ufrgs.br

Ariane Corrêa Pacheco
Endereço eletrônico: ariane.pacheco@ufsm.br